

RANILLA GARCÍA, Melquiades (coord.) – *Historia de una excavación horizontal: el hallazgo y la extracción de material lapidario en la Muralla de León*, León, 2016. ISBN: 978-84-941234-7-4.

[https://doi.org/10.14195/1647-8657\\_59\\_8](https://doi.org/10.14195/1647-8657_59_8)

A transferência de conhecimento é etapa fundamental dos processos de investigação científica, independentemente da área disciplinar em causa. Daí a importância da obra coletiva coordenada por Melquiades Ranilla García, com a participação de outros seis especialistas que dão corpo a 331 páginas de superior qualidade gráfica com a assinatura editorial de Menoslobos e o apoio de diversas instituições, entre as quais o Ayuntamiento e a Universidad de León. A equipa pluridisciplinar que participa no volume é maioritariamente a que integrou um projeto, executado em 2010, que visou o resgate, conservação e restauro de material lapidário integrado nas muralhas de León, concretamente no sector da Avenida de los Cubos, sendo a publicação em apreço corolário desses trabalhos.

A obra, com prefácio do Alcalde do Ayuntamiento de León, Antonio Silván Rodríguez, consta de cinco capítulos, sendo os dois primeiros dedicados às muralhas no seu todo, visando-se a sua história e importância patrimonial, bem como a sua titularidade jurídica, dos quais se encarregam, respetivamente, Luis Grau Lobo e Gema Vallejo Pérez. O terceiro aborda analiticamente os paramentos do cubo n.º 2 e do lanço B do circuito amuralhado, precisamente os correspondentes aos contextos arqueológicos em que se desenvolveu a intervenção, sendo elaborado por Ángel Palomino Lázaro e Enrique Santamaría González e, ainda, por Melquiades Ranilla García, responsáveis pelas componentes arqueológica e arquitetónica, respetivamente. O quarto, aquele que se revela o mais extenso da obra, é dedicado aos achados epigráficos, sendo assinado por Jorge Sánchez-Lafuente Pérez. No último, aborda-se o tema das litologias associadas à muralha, pela mão de Luis Valdeón Menéndez.

O capítulo inicial (“Defensa de la ciudad: la muralla de León y los reaprovechamientos lapidarios”, pp. 15-27), começando por abordar a ritualização fundacional romana, centra-se, todavia, numa leitura histórica e patrimonial, em que se reflete sobre a importância (simbólica e artística) da imagem da muralha na cidade ao longo das épocas e se perspetiva esse faseamento em termos de presença/ausência da mesma. O autor resume em três estádios vitais essa perspetiva diacrónica de longa duração, os quais,

de certo modo, também se refletem na generalidade dos ambientes urbanos amuralhados do Ocidente europeu. Assim, identifica o primeiro como sendo o construtivo, distendido entre a original construção romana e a Idade Média, quando se lhe adossa uma cerca tardia. O intermédio associa-se ao processo de progressiva destruição das muralhas, em face da perda de funcionalidade e da crescente obstaculização do crescimento demográfico, urbano e viário, manifestado por sequência de derrubes e amputações entre finais do século XIX e inícios do XX. Posteriormente à Segunda Guerra Mundial, sobrevém o terceiro, num contexto em que as muralhas passam a encarar-se do ponto de vista patrimonial, resultando daí a emergência da salvaguarda, sendo certo que, apenas na década de 80, se iniciam dinâmicas de restauro do recinto amuralhado leonês. É neste que se enquadra a apresentação de resultados realizada no volume, mormente no respeitante ao resgate epigráfico de suportes que foram amortizados na muralha, em processo de utilitarismo primário, mas relativamente ao qual outras leituras são passíveis de realizar, mormente de recorte simbólico no confronto com a profundidade cronológica e ideologias de antanho.

Um projeto de intervenção como o realizado em León convoca necessariamente questões jurídicas importantes quanto à titularidade do bem, tendo em conta que este se viu ao longo dos tempos, mas particularmente nos dois últimos séculos, objeto de diversas intervenções, quer por parte das administrações, quer por iniciativa de particulares. É matéria explorada no capítulo seguinte (“La titularidad estatal de la muralla y cercas de la ciudad de León”, pp. 29-39), no qual se sublinha a ideia de serem as muralhas e cercas leonesas bens públicos de titularidade estatal, inicialmente por se encontrarem vinculados à defesa territorial e presentemente por se constituírem como valores histórico-artísticos de natureza patrimonial, transição que se entenderá no ordenamento jurídico espanhol como uma “mutação de domínio público” por se alterar o fim público a que estão afetos os bens.

A análise dos resultados da intervenção arqueológica obtidos no projeto de extração, conservação e restauro do material lapidário das muralhas de León, executado no trecho que abarca o lanço B e o cubo n.º 2, situado na Avenida de los Cubos, enquadra a apresentação de resultados propriamente dita, desenvolvendo-se ao longo do terceiro capítulo (“Lectura de paramentos del cubo n.º 2 y del lienzo B de la muralla de León”, pp. 41-78). Esta atuação arqueológica cingiu-se basicamente à leitura dos paramentos exteriores previamente às ações de limpeza e de substituição de materiais de restauros modernos, durante as quais se descobriu a existência de elementos pétreos epigrafados. Descrevem-se as diferentes unidades estratigráficas dos panos de muralha em causa, que, segundo os autores, formam parte do quarto e último recinto amuralhado de época romana (correspondente ao Baixo Império), informação que remetem, surpreendentemente, para uma nota de rodapé. É também abordado o sistema construtivo da muralha tardo-romana em cujo *opus incertum* do paramento exterior se reempregaram elementos construtivos e epigráficos

que se associam a uma área de necrópole vinculada a um dos acessos do núcleo populacional romano.

O estudo das epígrafes resgatadas, num total de 53 inscrições funerárias e duas marcas impressas sobre material de construção, é realizado no quarto capítulo (“Los hallazgos epigráficos”, pp. 81-320), organizado em três apartados distintos referentes às características das inscrições, à edição individual de cada uma e à apresentação das abreviaturas, bibliografia e índices. É neste capítulo que se concentram as maiores novidades do volume, pela publicação de material inédito que incrementa grandemente o *corpus* epigráfico leonês de época romana, o qual permanecia mais ou menos estável desde os anos 80 do derradeiro século.

A edição individual das epígrafes, realizada no subcapítulo intermédio (“Edición de las inscripciones”, pp. 162-303), segue o formato de ficha, da qual constam a descrição sumária do suporte, a transcrição, desdobramento e tradução do texto epigráfico e o comentário aos aspetos considerados mais salientes. Em campos separados ditados pelo grafismo escolhido, formando uma coluna à esquerda do texto principal, iniciada pelo número de catálogo e título, indicam-se o número atribuído à peça no processo de extração da muralha, a cronologia, as medidas totais e as dos campos epigráficos, o tamanho e tipo da letra e a identificação petrológica do suporte. Cada ficha é acompanhada de uma foto de um pormenor integrada nesta coluna e de, pelo menos, uma outra geral, maioritariamente de página inteira, cuja qualidade deve ser ressaltada. As fichas, com numeração sequencial, são precedidas de indispensável nota explicativa (pp. 163-167), na qual se apresentam os signos diacríticos utilizados e um cuidadoso registo das localizações das peças na muralha.

No subcapítulo final (“Abreviaturas, bibliografía e índices”, pp. 304-320), os índices, que sobrevivem a um nutrido elenco bibliográfico, são exclusivamente onomásticos, remetendo-se para um quadro, inserido nas páginas atinentes à caracterização das epígrafes (pp. 148-150), os róis referentes a idades de falecimento, relações de parentesco, formulários, elogios fúnebres e dedicatórias.

A caracterização das epígrafes é realizada no primeiro subcapítulo (“Características de las inscripciones”, pp. 82-161), antecedendo o catálogo. Articula a análise dos suportes, incidente nos tipos, iconografia, oficinas lapidárias e cronologia (pp. 84-121), com um estudo dito populacional, abarcando demografia, onomástica e sociedade (pp. 122-150), e outro textual, visando as estruturas dos epitáfios, os formulários e as características do latim empregue (pp. 150-157), concluindo com breves anotações sobre a paisagem funerária e a população (pp. 158-161).

Os suportes funerários (pp. 84-88) são dominados pelas estelas e pelas placas, tipos que terão tido ambientes diferenciados no contexto cemiterial, divididos entre a utilização em espaços abertos e em estruturas arquitetónicas cerradas, a que se vinculam preferencialmente as placas. A incompletude é

sempre um obstáculo sério a um trabalho de elaboração tipológica. No respeitante às estelas, concordamos com a exposta dificuldade em circunscrever um grupo definido pelo remate plano, pois mesmo na peça em que há maior probabilidade de essa solução acontecer (n.º 2) tal não se apresenta claro. Afigura-se, porém, particularmente interessante a identificação de um pequeno grupo de estelas com perfil de altar ou estelas-altar (cf. E. Schlüter, *Hispanische Grabstelen der Kaiserzeit*, Hamburg, 1998) – o autor cunha uma designação mais arrevesada de “estelas de cabeceira tipo aras” – que representam, conforme a sua designação aponta, uma plasmação do modelo do altar num tipo de suporte distinto, em que se destaca o remate em frontão e a representação de *puluini*.

Ressalta também o elevado número de peças nas quais se conservam restos de pintura original, com predomínio dos tons avermelhados, ocre e minio, sendo exemplarmente elucidativa a peça n.º 10, em que o primeiro tom surge aplicado à decoração e o segundo às letras, sendo a moldura do campo epigráfico destacada em tom azul ou esverdeado, sobre base amarelada, da qual se publica, inclusive, proposta restituição cromática. Esta abordagem das questões pictóricas abre o ponto dedicado à iconografia (pp. 89-99), embora, em nossa opinião, melhor ficaria a encerrá-lo, após se apresentarem os diversos grupos iconográficos, referentes a representações astrais, humanas, zoomórficas e fitomórficas, de elementos arquitetónicos e de objetos diversos. Deste último, devemos destacar pela sua excecionalidade e novidade, a representação da *ascia* em algumas peças (n.ºs 16, 20 e 45), frequente em território gaulês, mas com contida presença hispânica (ENCARNAÇÃO, J., Leite de Vasconcelos e as inscrições romanas: flagrantes de um quotidiano vivido, *O Arqueólogo Português*, Série IV, 26, 2008, pp. 385-406; MAYER, M., *Prae textibus imagines in titulis Latinis*: la imagen antes del texto; nuevas consideraciones sobre el símbolo del *ascia*, *SEBarc*, 11, 2013, pp. 15-40). Reforçamos que a identificação de uma *ascia* no final do texto da epígrafe n.º 16 nos parece mais acertada do que a opção que o autor acaba por tomar na apresentação da peça na respetiva ficha (p. 204), considerando aí tratar-se de um “S” interpretado como possível abreviatura de *situs*, sendo também improvável o desdobramento *ann(norum) pii(ssimi)* da linha anterior, que efetivamente contem a idade do terceiro defunto: *ann(orurum)* III (*trium*), como se assume na tradução.

Nos apontamentos sobre *officinae* lapidárias (pp. 99-110), onde as diferenças tipológicas e de matéria assumem preponderância na opção de definição de 8 grupos de oficinas/círculos oficiais relativamente a outros aspetos de importância relacionados com os textos (estrutura, formulários, onomástica) e iconografia, há a destacar o predomínio de utilização de pedras de procedência local e regional, mas também interessantes casos de reaproveitamentos para finalidade epigráfica, incluindo de mármore, como ilustram os casos das peças n.º 51 e 39, que se afiguram elaboradas sobre matéria reutilizada a partir da mesma fonte, seja um edifício, seja outro tipo de estrutura arquitetónica.

O conjunto epigráfico publicado é apresentado como datável entre a época flaviana e o século III avançado ou, inclusive, os inícios do seguinte,

sem óbvia marca de paleocristianismo, tendo em conta, sobretudo, aspetos tipológicos (pp. 110-121), paleográficos e iconográficos, ainda que preferentemente se devessem aduzir critérios associados à análise interna das inscrições, como os onomásticos ou a estrutura textual, para além dos formulars realçados. Um destes aspetos refere-se à invulgar expressão *suptus supra* que oferecerá um *terminus post quem* de meados do século III (pp. 115-116), parecendo-nos dever existir, todavia, maior precaução quanto a uma generalização da alusão ao suporte como critério cronológico (p. 117).

Daqui também decorre que algumas opções de organização do capítulo talvez tenham resultado menos convincentes. Veja-se, por exemplo, que, no subcapítulo concernente à população, após se apresentarem algumas pertinentes observações demográficas (pp. 122-130) centradas nas idades de falecimento registadas, se vem a tratar a análise do caso em que aparece referido o nome dos defuntos no ponto atinente à onomástica, quando faria mais sentido avaliar esta questão no âmbito da análise interna dos textos e da cronologia.

Nesse ponto dedicado à onomástica (pp. 130-146) é estabelecida a separação linguística de cognomes e nomes únicos (embora se refiram sempre como *cognomina*, sendo que também há variados casos em que não é possível fazer a distinção funcional), destacando-se um acréscimo substancial da antroponímia de origem grega em *Legio*, contrastando com a escassez da indígena. No entanto, não parece razoável assumir a influência militar num restringimento forçado da utilização de antroponímia autóctone (p. 139), quando, por exemplo, se observa a identificação de militares integrados em forças auxiliares, que a mantêm mesmo depois de alcançar a naturalização como cidadãos romanos (cf. ROUX, P. Le, *L'armée romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste à l'invasion de 409*, Paris, 1982, pp. 335-340). Outras observações e opções neste campo da onomástica perpassam como igualmente questionáveis ou, no mínimo, indevidamente ponderadas. Vejam-se, a título de exemplo, a integração de uma nomenclatura interpretada como duplo *cognomen*, *Aliomus Munychius* (n.º 10), no rol de efetivos *duo nomina* das estruturas quirritárias ou a integração do antropónimo *Abinnesia* (n.º 36) entre os de origem grega, quando se tratará verosimilmente de hápax indígena, considerando as formas *Abinus* (*HEp* 12, 585) e *Abinicus* (*HEp* 13, 478) no contexto do Noroeste peninsular (a primeira entre os *Zoelae*) ou *Abiner* (*HEp* 18, 197) e o gentílico de plural *Abinicum* (*HEp* 13, 478), em contextos mesetenhos. Ou ainda, pela sua inverosimilhança, a proposta de aproximação feita entre o gentílico latino *Minicius*, com inegável representação hispânica, e o cognome grego *Munychius* (pp. 141-142), em que se considera a possibilidade de vinculação familiar entre uma *Minicia Atta* (*CIL* II 2684) e *Aliomus Munychius*, antes referido, tanto por estarmos perante antropónimos funcional e linguisticamente distintos, como por se sustentar numa convicção de procedência comum na necrópole, simplesmente pelo facto de as peças terem aparecido em pontos próximos da muralha.

A pertinência da organização deste subcapítulo dedicado à popu-

lação revela-se também débil, quando o tratamento da composição social (pp. 146-150) se reduz praticamente à apresentação de um quadro que elenca relações de parentesco e fórmulas epigráficas, remetendo-se, quanto a dados mais circunstanciados, para o ponto referente à onomástica, no qual algumas observações se elaboram entremeadas com aspetos antroponímicos. Uma destas merece reparo, pois, a propósito da epígrafe n.º 17, na qual se identificam *Fuscinus Cadugeni filius* e *Ambata Lecirni filia*, respetivamente defunto e dedicante, se refere que o nome do defunto inicialmente indicaria condição servil (pertencente a *Fuscus*) e que é acompanhado do patronímico indígena *Cadugenus*. Se esta última aceção é correta, a associação de *Fuscinus* ou, mais propriamente, do antroponímico a uma origem servil afigura-se exorbitante em termos interpretativos, pois ao sufixo *-inus* é reconhecida a sua conotação patronímica no âmbito da onomástica latina (KAJANTO, I., *The Latin Cognomina*, Helsinki, 1965).

A estrutura dos textos e os formulários (pp. 150-152) são detalhadamente discriminados, havendo a precisar que a idade dos defuntos não deve equiparar-se a uma fórmula de clausura, pois naturalmente a sua natureza não é formular. Refira-se também, ainda a propósito de idades, que a análise da sua formulação faria mais sentido a propósito da estrutura dos textos e não do latim epigráfico (pp. 152-157), como se realiza. Não obstante, o realce vai, nesta matéria, para o facto de as grafias registadas refletirem grandemente o uso coloquial da língua plasmado em ortografias não normativizadas.

Apesar das observações de pormenor criticamente expostas, esta nova contribuição para o estudo do hábito epigráfico e da história de *Legio* é louvável e incontornável, sendo de realçar o meritório e minucioso trabalho de edição de um conjunto de inscrições que muito enriquece as fontes locais para a época romana, visando exclusivamente o corpo civil da sociedade, sendo, no decurso das últimas quatro décadas, o primeiro grande acréscimo documental para o conhecimento da população. A presença militar apenas assoma em marcas estampadas num ladrilho e num fragmento de telha cerâmicos (n.ºs 54 e 55), ambos datáveis da terceira centúria, o segundo recuperado num tramo distinto da muralha associado à Calle Carreras.

O capítulo final (“Las litologías de la muralla: tipos, origen, usos y material lapidario”, pp. 323-331) corresponde, sem mais, a um conjunto de onze fichas referentes ao material lapídeo da muralha, contendo cada uma, para além da identificação e de uma foto ilustrativa, a descrição abreviada do tipo pétreo, a indicação do seu emprego na muralha, em determinados casos alguma observação suplementar, nomeadamente sobre outros usos, e – releve-se – a indicação relativamente à sua identificação nos espécimes epigráficos reutilizados, reportando a respetiva numeração.

A obra em causa é também um produto gráfico de grande impacto, para o qual contribuem o *design* atraente e o forte cromatismo, em boa parte associado às imagens fotográficas a cores de qualidade, como as relativas às epígrafes, malgrado algumas gralhas detetáveis ao longo dos capítulos, incluindo em

transcrições de textos epigráficos. Não obstante, estas pequenas imperfeições, releváveis, não diminuem a importância do volume dado à estampa, incontornável enquanto memória dos trabalhos realizados em 2010 num troço de muralha da Avenida de los Cubos e repositório de um elevado número de novidades epigráficas que permitiram um real incremento, sem precedentes, do património epigráfico romano leonês. Indispensável a todos quantos se dedicam ao estudo da Antiguidade na Hispânia romana e a outros eruditos, será também passível de suscitar interesse num público não especializado que revele interesse na história da sua cidade ou província.

Armando Redentor  
*Universidade de Coimbra, CEAACP, FLUC – DHEEAA*  
aredentor@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-6459-3285>